

Carlos Drummond
de Andrade

História
de Dois Amores

ilustrações de
Ziraldo



Companhia das Letrinhas

Copyright do texto © 1988 by Carlos Drummond de Andrade
© Graña Drummond
Copyright das ilustrações © 1985 by Ziraldo Alves Pinto

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico
Ziraldo

Revisão
Ana Luiza Couto
Viviane T. Mendes

Tratamento de imagem
Simone R. Ponçano
Victor Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902 - 1987
História de dois amores / Carlos Drummond de Andrade;
ilustrações Ziraldo. — 1^a ed. — São Paulo: Companhia das
Letrinhas, 2013.

ISBN 978-85-7406-582-3

1. Literatura infantojuvenil. I. Ziraldo. II. Título.

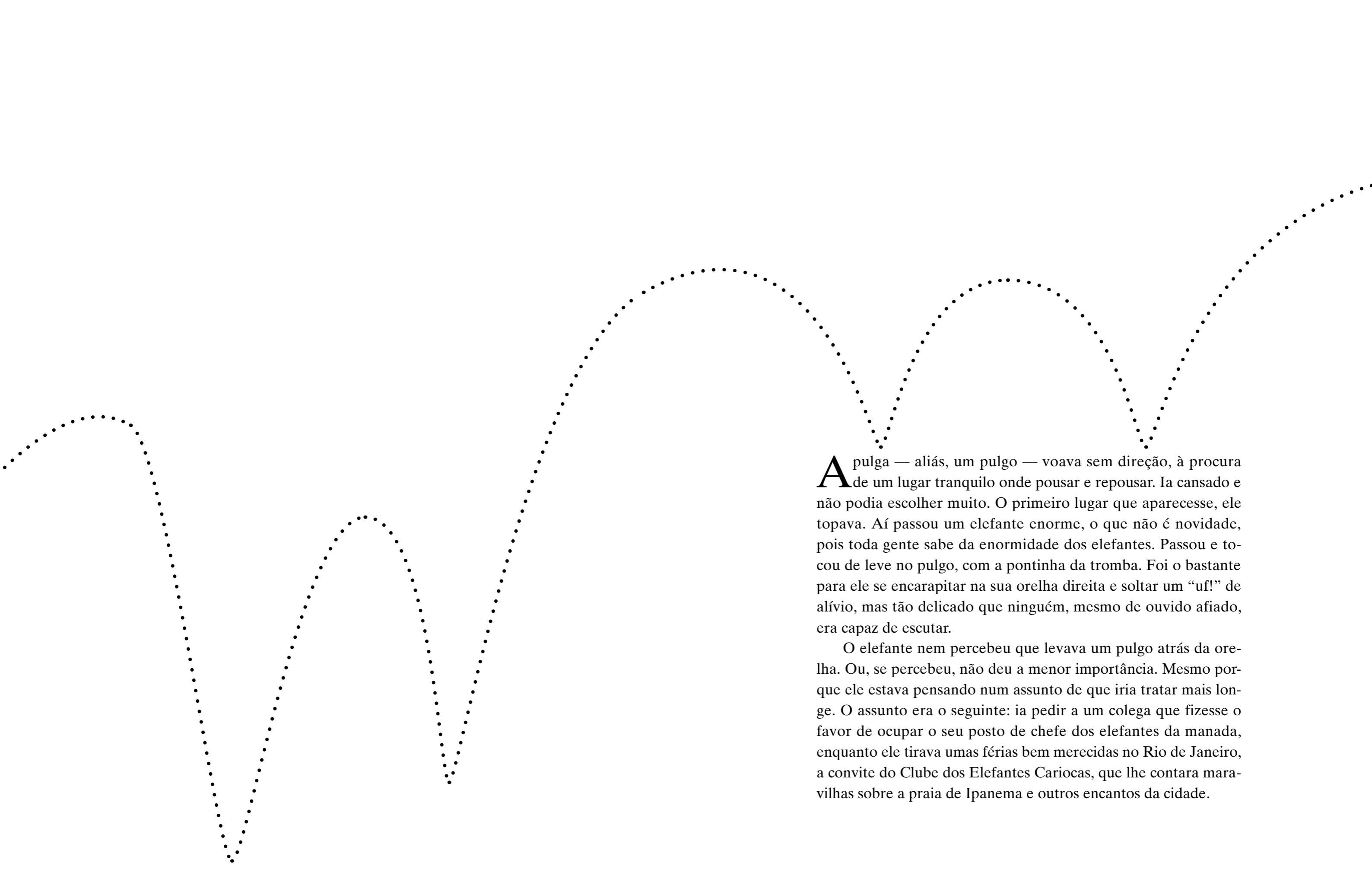
13-02989 CDD-028.5
Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
1. Literatura infantojuvenil 028.5

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAR SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

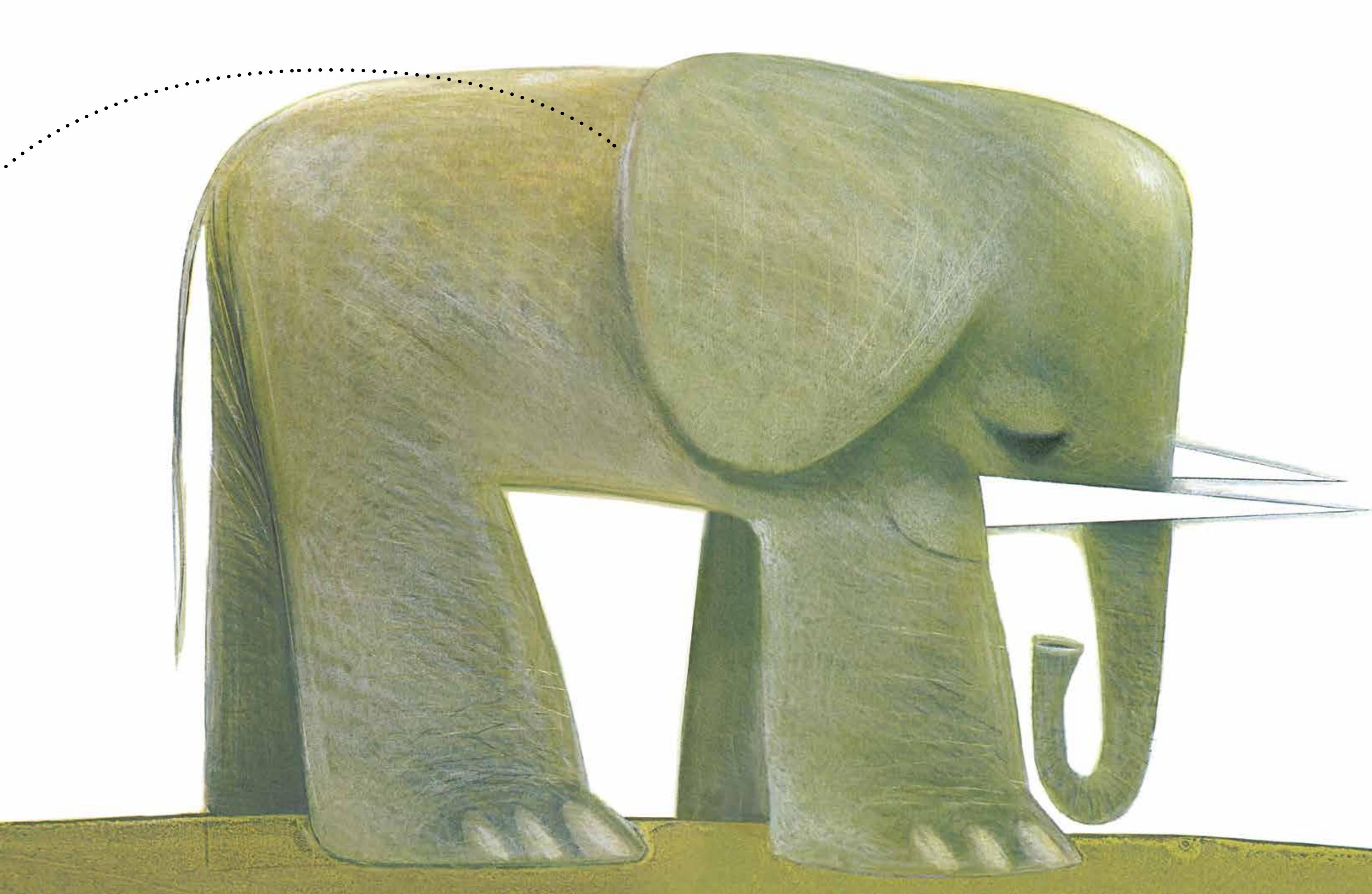
A marca FSC ® é a garantia de que a madeira
utilizada na fabricação do papel deste livro
provém de florestas que foram gerenciadas de
maneira ambientalmente correta, socialmente
justa e economicamente viável, além de outras
fontes de origem controlada.

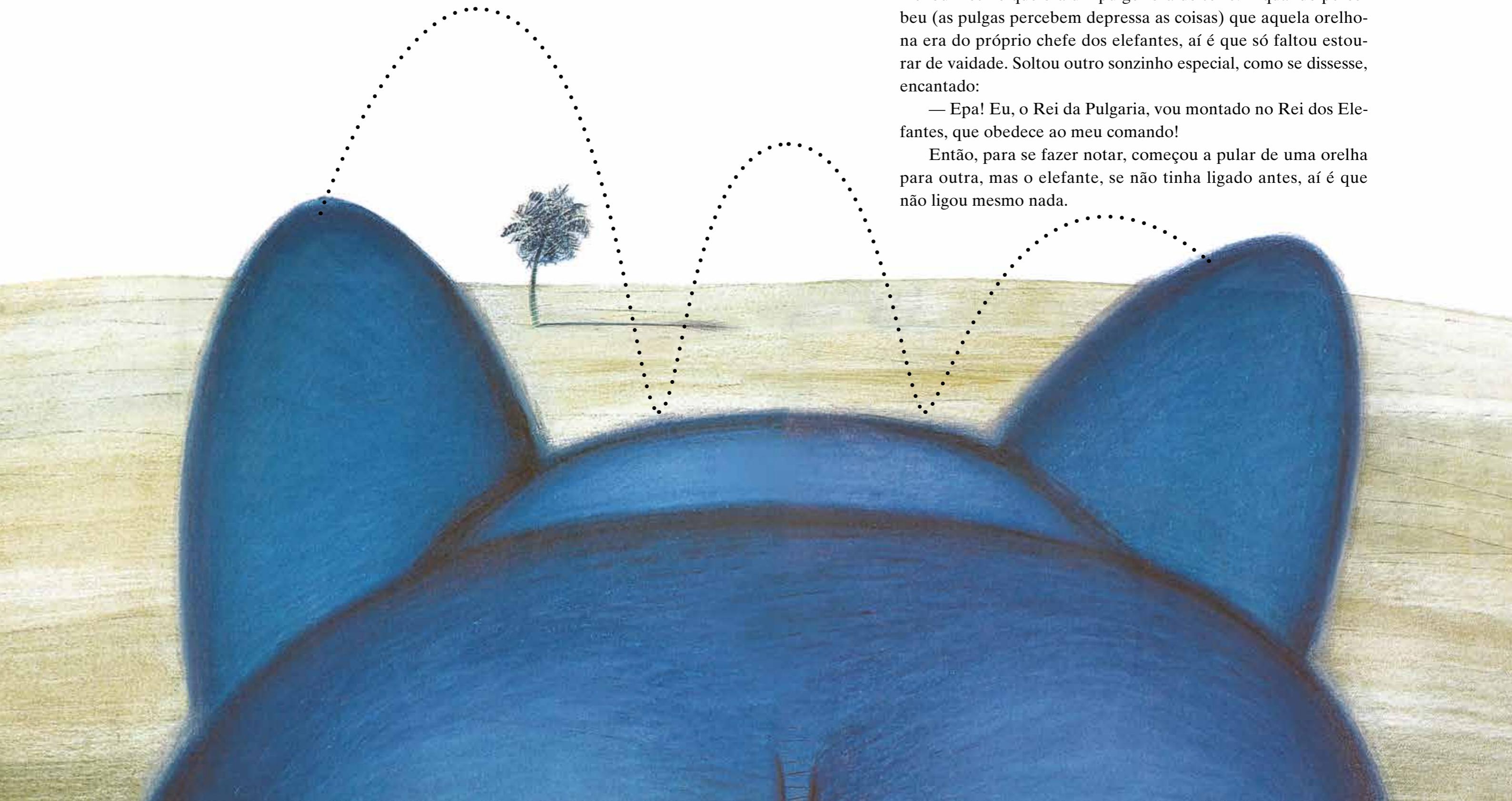
Esta obra foi composta em Times Ten e impressa pela Geográfica em ofsete sobre papel
Couché Reflex Matte da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarcz em julho de 2013



Apulga — aliás, um pulgo — voava sem direção, à procura de um lugar tranquilo onde pousar e repousar. Ia cansado e não podia escolher muito. O primeiro lugar que aparecesse, ele topava. Aí passou um elefante enorme, o que não é novidade, pois toda gente sabe da enormidade dos elefantes. Passou e tocou de leve no pulgo, com a pontinha da tromba. Foi o bastante para ele se encarapitar na sua orelha direita e soltar um “uf!” de alívio, mas tão delicado que ninguém, mesmo de ouvido afiado, era capaz de escutar.

O elefante nem percebeu que levava um pulgo atrás da orelha. Ou, se percebeu, não deu a menor importância. Mesmo porque ele estava pensando num assunto de que iria tratar mais longe. O assunto era o seguinte: ia pedir a um colega que fizesse o favor de ocupar o seu posto de chefe dos elefantes da manada, enquanto ele tirava umas férias bem merecidas no Rio de Janeiro, a convite do Clube dos Elefantes Cariocas, que lhe contara maravilhas sobre a praia de Ipanema e outros encantos da cidade.





O pulgo tinha o mau costume de se achar muito importante, mesmo que estivesse na pele de um bebê. Colocado naquela altura, pode-se imaginar como ficou ainda mais cheio de prosa. Achou mesmo que era um pulgo fora de série. E quando percebeu (as pulgas percebem depressa as coisas) que aquela orelhona era do próprio chefe dos elefantes, aí é que só faltou estourar de vaidade. Soltou outro sonzinho especial, como se dissesse, encantado:

— Epa! Eu, o Rei da Pulgaria, vou montado no Rei dos Elefantes, que obedece ao meu comando!

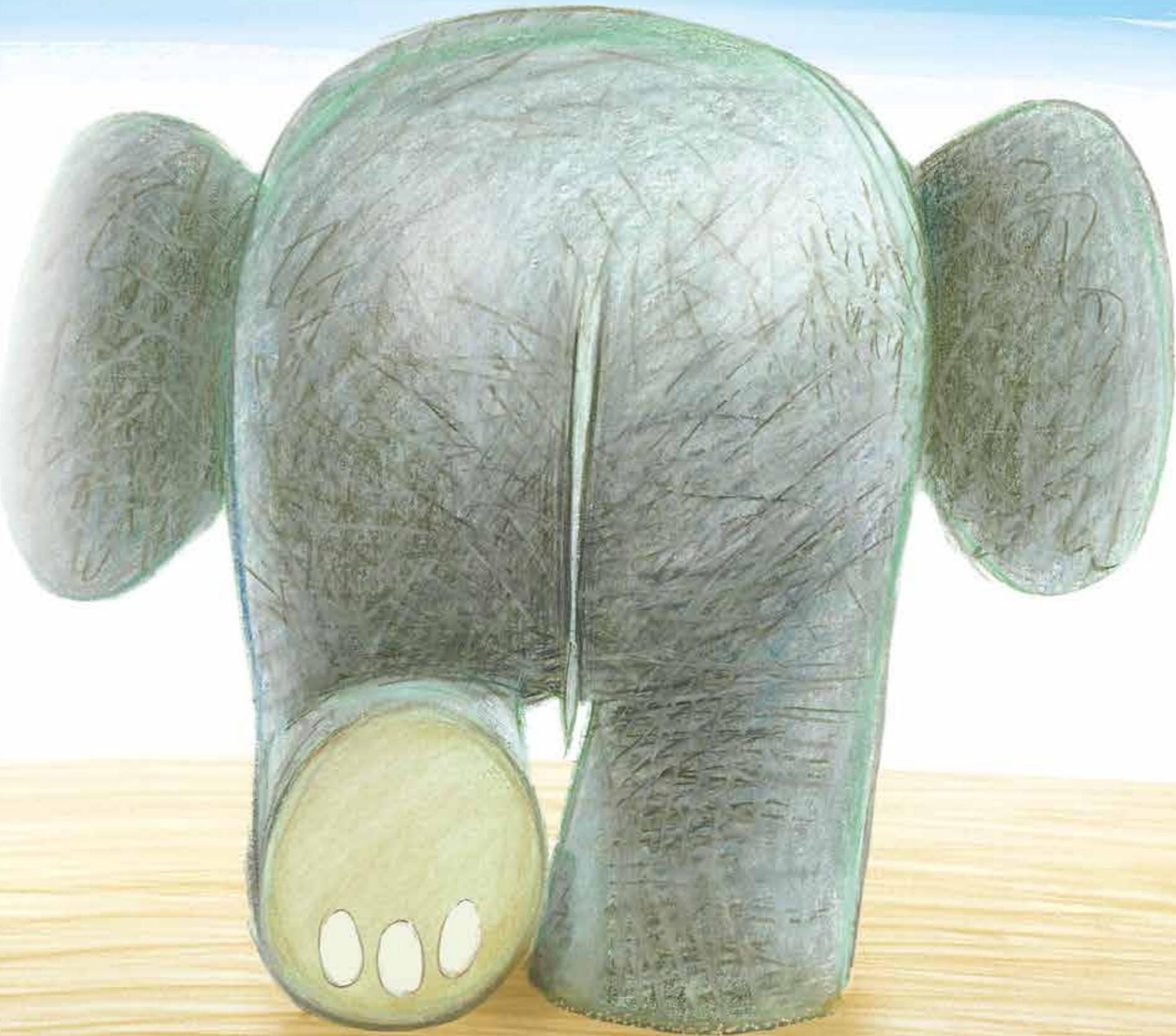
Então, para se fazer notar, começou a pular de uma orelha para outra, mas o elefante, se não tinha ligado antes, aí é que não ligou mesmo nada.

— Que pena o Rei ser tão boçal — observou o pulgo. — Não sentiu a honra que eu lhe dou de viajar em cima dele.

Aí, deu uma picada forte no pelo do elefante, mas era um pelo tão grosso que ele não conseguiu nada, por mais que caprichasse na mordida.

— Chato — disse. — Esse cara nem percebeu que eu quis agradá-lo com uma carícia muito especial.

Foram seguindo pelo caminho, que nem era caminho, mas o largo lanço de areia, batido pelo vento. Como a tarde escurecia, o elefante achou que pegaria bem deitar junto de uma tamareira carregada de frutas, para uma soneca legal até amanhecer. No dia seguinte, apanharia com a tromba umas tâmaras, e estava garantido o almoço.



O pulgo não estava prevenido para o movimento brusco que o elefante fez para se deitar. Deu um salto assustado quando a massa gorda do animal desabou pela direita. Justamente no interior da orelha direita é que ele estava naquele momento. Com medo de ser esmagado, deu um golpe de direção no ar e passou para o interior da orelha esquerda, esperando não ser incomodado daí por diante.

Os dois dormiram bem, porque não havia ali onça nem cobra nem carrapato, que incomodam tanto a gente que dorme à luz da lua. Foi um sono gostoso, sem os pesadelos que costumam acontecer quando a gente come demais.

